

A maré da liberdade

THE VEGAN · VOL. 9 N.º 3 · INVERNO DE 1954 · PP. 9–12

Escrito para o número do décimo aniversário de *The Vegan*. Cross situa o veganismo na linha histórica dos movimentos de emancipação. Uma das três peças essenciais. — Tradução portuguesa do original inglês.

Esta é uma tentativa de expor em termos simples o que é o veganismo, por que razão e de que modo veio a existir, e de sugerir o que poderia significar para a humanidade.

A palavra «veganismo» é um símbolo que representa uma grande mudança, uma nova mutação comparável à libertação dos servos e à libertação dos escravos.

A sua definição oficial — «a doutrina de que o homem deve viver sem explorar os animais» — é exata, precisa e abrangente, mas nem sempre plenamente compreendida. Isto não é tão surpreendente quanto poderia parecer, pois raras vezes nove breves palavras consagraram uma reforma tão vasta, cuja consecução traria um mundo novo e homens novos para o habitem.

* * * *

Por que razão cremos que devemos viver sem explorar os animais? Dito de outro modo, por que foi formulada semelhante doutrina?

A resposta última, se não a imediata, é reveladora, pois demonstra a verdade da afirmação de que o veganismo não é um mero rebento lateral na evolução humana, mas um crescimento central e expansivo de considerável importância.

O veganismo deve o seu nascimento ao facto de que, no ponto mais profundo do nosso ser, cremos inabalavelmente na liberdade — talvez em particular aqueles que nasceram e se criaram nestas ilhas de tradição amante da liberdade.

A liberdade de vivermos a nossa própria vida à nossa maneira, segundo a nossa própria luz interior, é fundamental para a nossa visão da própria vida. É à luz deste conceito que encontramos o verdadeiro significado da reforma vegana. Só quando a vemos como uma doutrina não de restrição (como erroneamente creem os que se lhe opõem), mas de liberdade, é que a compreendemos plenamente.

O facto é simples: que, no fundo mesmo, o veganismo é a mais recente das marés periódicas que marcaram a corrente da liberdade desde que a história começou. Distingue-se das suas predecessoras pelo facto de trazer um traço inteiramente novo e distintivo à longa luta pela liberdade; empurrou a maré da liberdade para além do que até agora se tinha por sua fronteira natural — o conceito do homem livre. Até ao advento do veganismo, comparativamente poucos

homens consideravam os animais dignos do direito a serem livres ou merecedores dele, e provavelmente ainda menos advertiam o impressionante efeito que a concessão de tal direito teria sobre a liberdade do próprio homem.

O significado real e indelével do veganismo está na sua demonstração devastadoramente lógica de que, ao negar aos animais o direito a serem livres, o homem mantém fechado contra si mesmo o portão da sua própria e ulterior busca da felicidade.

Crer no direito a ser livre significa inevitavelmente que concedemos esse mesmo direito aos demais. Se falharmos nisto, negamos o próprio princípio. Convertemos assim o 1984 de Orwell numa possibilidade lógica e a escravidão de um homem em relação a outro num ato justificável. Dito de outro modo, a lei da liberdade — que é também a lei do amor — não conhece limites. Porque na sua mente o homem excluiu os animais do seu alcance, impôs-lhe limites arbitrários e, ao fazê-lo, colheu o que semeou: uma severa limitação do seu próprio progresso. É sobre este fator, esta barreira tão pouco reconhecida ao crescimento ascendente do homem, que o veganismo lança uma luz tão implacável e reveladora.

Quando passamos à questão de *como* o veganismo veio ao mundo, encontramos um excelente exemplo do caminho indireto que por vezes adotam as forças do destino.

O facto prosaico é que a semente do veganismo brotou de um ano de discussão nas colunas de correspondência de *The Vegetarian Messenger* acerca do argumento moral contra o uso dos produtos lácteos pelos vegetarianos. No termo da correspondência, um punhado de vegetarianos decidiu que gostaria de constituir-se num grupo «não lácteo» dentro da Vegetarian Society. Mas a Sociedade recusou e sugeriu que esses poucos membros fundassem uma organização própria. Foi assim a Vegetarian Society a servir involuntária do destino, pois o resultado direto da sua ação foi a fundação da Vegan Society em novembro de 1944.

A nova sociedade não se contentou por muito tempo com ser meramente «sem carne, sem lácteos, sem ovos, sem mel». Mercadorias como a pele, o cabedal e a lã juntaram-se aos alimentos animais como coisas «não veganas». Houve uma tentativa precoce de chegar à raiz do que está errado na relação entre o homem e os animais; de tratar a causa antes que os seus efeitos quase incontáveis. Contudo, não sem alguns anos de tensão e esforço internos pôde a sociedade precisar o que queria fazer. Decidiu-se finalmente a 11 de novembro de 1950, quando acordou, numa assembleia geral extraordinária, que o que queria fazer era pôr fim à exploração dos animais pelo homem.

Entre 1944 e 1950 o significado íntimo e verdadeiro do veganismo manteve-se «em solução», indefinido e incompletamente reconhecido. A motivação «não láctea» foi desde o início claramente insuficiente como significado final; não era, na verdade, mais do que o movimento desencadeante que impeliu ao mundo uma verdade nova e profunda. Em 1950, quando o

significado do veganismo se tornou geralmente evidente, foi formulado numa frase simples que se inseriu na constituição da sociedade.

Desde 1950 não houve dúvida alguma quanto ao seu significado. A breve definição citada na primeira parte do artigo é ampliada pela Regra 4 (a): «a Sociedade procurará pôr fim ao uso dos animais pelo homem para alimento, mercadorias, trabalho, caça, vivissecção e todos os demais usos que impliquem a exploração da vida animal pelo homem».

Embora antes de 1950 tenha havido bastante discussão sobre o que era na verdade o veganismo, uma coisa nunca esteve em dúvida: a força impulsora por detrás do movimento era, e continua a ser, a compaixão pelos animais, nascida do trato que recebem às mãos do homem. Foi a compaixão que levou o primeiro punhado a unir-se em 1944, e é a compaixão que fornece a força motriz hoje.

* * * *

Como sociedade, uma parte importante do nosso trabalho é levar ao conhecimento dos homens de toda a parte algo que de outro modo poderia escapar à sua atenção: a importância integral da emancipação animal.

Os animais apresentam ao homem a prova suprema da sua dignidade e da sua capacidade de avançar: a prova de como se comporta para com aqueles sobre quem possui poder.

É triste, mas verdadeiro, que perante esta prova, na maioria das vezes, ele busca os seus próprios fins à custa do sofrimento dos animais. Caça-os, abate-os, vivissecciona-os e escraviza-os. Para obter o seu leite, inflige-lhes uma das menos dignas de todas as suas explorações — a separação deliberada e forçada da vaca mãe e do seu vitelo recém-nascido. Toma o cavalo selvagem, livre e nobre, e doma-o, castra-o e atrela-o. A sua prece constante não é tanto pelo pão de cada dia como pela carne de cada dia. Bem pode desculpar-se ao homem compassivo por perguntar sem rodeios que espécie de relação pode ser esta, que tem por símbolos o chicote, o bocado e a faca do carnicheiro.

O escritor norte-americano Henry Bailie Stevens sustentou que um dos «rumos errados» que o homem tomou nalgum ponto da sua evolução foi a escravização («domesticação») dos animais. A tese é, no mínimo, lógica. Não há muito senso comum, por exemplo, em pedir paz na terra e ao mesmo tempo travar o que equivale a uma guerra contra os animais.

O que é necessário para começar a corrigir este desvio evolutivo é a aceitação da ideia de que a emancipação animal é um fim desejável. Se um número suficiente de pessoas experimentasse semelhante conversão mental, então as destrezas e o engenho dos homens poderiam empregar-se em desenvolver alternativas àqueles produtos de origem animal que a maioria dos homens sem dúvida crê essenciais ao seu bem-estar. Esses produtos — um leite não animal inteiramente satisfatório é um exemplo — são necessários se se quiser alcançar a aplicação prática universal do

ideal. Pois os homens e as mulheres não são todos iguais, e há muitos para quem os obstáculos práticos hão de parecer por ora intransponíveis. Não podemos fechar os olhos ao facto indubitável de que, para tais pessoas, tais obstáculos são reais e não imaginários.

A fim de prover o movimento vegano de recursos e destrezas suficientes, é vital atrair pessoas a ele. O método mais imediato é a difusão da ideia — a ideia da emancipação animal. Daremos as boas-vindas aos conversos de qualquer grau — tanto àqueles que não possam prometer mais do que a aceitação mental como àqueles que, fielmente e na medida das suas forças, levam à prática diária a sua aceitação do ideal.

À medida que a ideia for sendo cada vez mais aceite, crescerão as oportunidades de tornar o caminho mais fácil e atraente para aqueles cuja natureza não é a do pioneiro. Ao mesmo tempo que se forem removendo gradualmente os obstáculos à prática pessoal, terá de dar-se atenção à questão de como nos propomos tratar os animais em geral logo que a passagem da exploração à liberdade alcance certa etapa. Não é difícil advertir que semelhante transição trará consigo problemas de carácter amplo e geral. Ninguém, e menos que ninguém o vegano, deseja um mundo sem animais — e como nos propomos, em geral e em detalhe, efetuar a viragem da exploração e da perversão para a liberdade e a naturalidade será todo um tema de conversa num belo dia.

Se me for permitido intercalar uma observação pessoal, há poucas coisas mais desejáveis que eu pediria à providência do que a de que semelhante dia despontasse enquanto eu ainda aqui estivesse para o viver. Que glorioso, por exemplo, tomar parte num debate para decidir se, para os fins da transição, se deveria estabelecer um parque natural ou um santuário de animais nesta ou naquela parte do país, e exatamente como haveria de planear-se!

Quando o veganismo alcançar semelhante etapa, terá havido uma imensa mudança de coração e de mente na maioria dos homens e das mulheres. A ideia de explorar os animais será então tão repugnante como o é hoje a ideia da escravidão humana. Alguns dos câmbios na vida quotidiana são evidentes. Não haverá, por exemplo, talhos, e o leiteiro (se ainda fizer a sua ronda) entregará leite vegano. Os campos não estarão carregados com a angústia das vacas que clamam pelos seus vitelos. Não haverá matadouros, nem laboratórios de vivissecção; ninguém caçará animais por diversão...

Mas alguns dos câmbios não são tão evidentes. Os benefícios que para o próprio homem tem o viver num mundo mais bondoso e esclarecido só podem vislumbrar-se nos seus traços mais gerais. A sua saúde, física e mental, melhorará enormemente. Porque se terá despojado de boa parte do que há de mais grosseiro na sua natureza, os benefícios do espírito choverão sobre ele — benefícios que hoje, por sua própria vontade míope, se nega a si mesmo.

Tal é a matéria dos sonhos... Para os tornar realidade requer-se que cada um cumpra a parte que lhe cabe. Encontramo-nos nos estados mais elementares da nova mutação. *Somos os pioneiros.*

«A maré da liberdade» reproduzido de *The Vegan*, vol. 9 n.º 3 (inverno de 1954, número do décimo aniversário). Tradução portuguesa · understand-veganism.com